

DEBATE E OPINIÃO

H - I - S - T - Ó - R - I - A

Cuba e Brasil: Bases Históricas e Culturais para uma Comunidade Latino-africana

Rodolfo Sarracino

Introdução

Creio ser conveniente, inicialmente, discutir o conceito de *diáspora* em sua aplicação à transferência compulsória de africanos para a América. Na verdade, o termo já se consolidou na tradição política e acadêmica de ambos os lados do Atlântico. Em nossas línguas, que tomaram do grego sua acepção atual, *diáspora* significa dispersão. Aplica-se, geralmente, a processos migratórios, muitas vezes forçados, como o dos judeus depois do exílio babilônico.

Nesse sentido, emprega-se o termo *diáspora*, com atualidade, para designar os povos africanos involuntariamente dispersos em muitas das nossas terras americanas, como resultado do tráfico de escravos. O termo adquiriu, assim, conotações políticas muito definidas no léxico doméstico e internacional de vários países atlânticos africanos¹.

A imagem da *diáspora*, quando referida aos povos negros americanos de origem africana, marginalizados pela escravidão e pela discriminação racial, tornam tais povos mais africanos que jamaicanos, cubanos ou brasileiros. E, como consequência, a África aparece com a obrigação moral de defendê-los diante da tragédia da discriminação e da herança ainda

Rodolfo Sarracino é historiador e diplomata.

Textos Hist. 1[2] (1993): 139-153.

vigorosa dos sistemas escravista americanos. Pela mesma razão, africanos da América teriam a obrigação moral de auxiliar a África em seus desafios contemporâneos.

Comento essas construções não para questionar o seu lado débil ou para iniciar um debate politológico, mas para precisar os termos de nossa discussão. Em especial, para esclarecer que a chamada diáspora africana, que na definição de algumas escolas da História e da Ciência Política no continente africano, com o justificado respaldo de acadêmicos europeus e norte-americanos, se limita quase sempre ao caso dos descendentes africanos deste lado do Atlântico.

Na verdade, o debate intelectual deveria ir mais além. Deveria levar em conta todos os que, na África e na América Latina, têm contribuído à criação de premissas históricas para uma comunidade latino-americana unida, e não mais dividida, pelo Atlântico. Essa comunidade existiu historicamente, ainda existe, e está unida pelos laços de mestiçagem, mas principalmente pelos culturais. O conceito de dispersão, em um mundo tão dividido e dominado por polaridades, deveria ceder espaço para a necessidade vital da unidade dos continentes, em consonância com suas histórias e tradições. Esse é o caso da comunidade latino-africana. Cuba e Brasil ocuparam no passado e ocupam ainda hoje papéis centrais na sua conformação.

A Agonia Americana

Não podemos esquecer que cerca de dez milhões de africanos, arrancados à força de suas terras, contribuíram decisivamente com seu trabalho, sua dor e seu sangue, durante os trezentos e cinquenta e cinco anos de escravidão americana, à acumulação capitalista e ao desenlace da revolução industrial. Parece magistral que através desse processo brutal os africanos

tenham contribuído às nossas nacionalidades com características que hoje lhe são absolutamente próprias, como a vitalidade, a alegria, o humor, o gênio musical, a espiritualidade, a contribuição literária. Nessa contribuição, destacavam-se cubanos e brasileiros.

Que ninguém seja capaz de afirmar que não foi um pacto cruel, doloroso, sem culpa. Nove milhões e meio de africanos chegaram à América desde 1518, data da primeira referência documental sobre a chegada de escravos a este continente, para produzir açúcar, algodão, café, tabaco, arroz e minerais. Noventa por cento desses homens foram destinados ao Brasil, a Cuba e às colônias européias do Caribe². Diferentes povos africanos foram submetidos a um intenso processo de aculturação, cujo objetivo era evitar que a consciência de uma cultura comum, que gera identidade, unidade, solidariedade e rebeldia, dificultasse a exploração.

É por este motivo que uma boa parte dos que atravessaram o Atlântico e experimentaram a agonia e o desumano paradoxo da cristianização, mantiveram também viva a esperança do retorno às terras maternas. Um número relativamente significativo, apesar das dificuldades de regresso, pode efetivamente retornar à África. São os famosos retornados. Levaram consigo as raízes dessas novas nacionalidades que se formavam em nosso continente e ilhas próximas. Eram homens e mulheres que, sem consciência plena, haviam se transformado, adquirido novos hábitos, gostos e costumes que lhes impediam de retomar suas velhas tradições tribais, adormecidas pelos intensos processos de aculturação vividos na América.

Na década de vinte do século passado, quando as plantações escravistas do Caribe inglês começaram a esgotar suas possibilidades e a economia açucareira do Brasil e Cuba mostravam seus limites, surgiram as vozes altruístas na Inglaterra

que proclamavam a imoralidade, a injustiça e a desumanidade da escravidão e do tráfico de escravos. Tais vozes, unidas às dos economistas clássicos, insistiam em algo tão conhecido: que seria preferível o trabalho de homens livres, assalariados e versáteis.

Mas essa força de trabalho não existiu durante grande parte do século XIX, pelo menos em número suficiente para pôr em crise o sistema escravista de uma hora para outra. O que se produziu, mesmo na década de vinte do referido século, foi a tendência ascendente dos preços de escravos, o que levou ao aumento dos custos de produção do açúcar. A coexistência desses fatores configurou uma crise global do sistema, que culminou na abolição gradual da escravidão em Cuba e no Brasil, além de outras partes na América.

No centro da crise, a Inglaterra procurava soluções livre-cambistas para superá-la. Alguns pensadores ingleses da mais clara estirpe anti-escravista, como Thomas Fowell Buxton, Macgregor Laird e William Balfour Baikie, conceberam uma saída grandiosa para resolver o problema da força de trabalho no Império britânico. Era ela a consolidação do comércio "legítimo" e o reassentamento na África de libertos de Cuba, Brasil e "emancipados" da Serra Leoa.

É exatamente aqui que aparece um elemento polêmico no quadro das chamadas relações transculturais através do Atlântico. Não está correto falar de transferências transculturais em um só sentido, ou seja, a da África na direção da América Latina. Temos que nos referir também às transferências em sentido contrário. E os protagonistas dessa outra extraordinária epopéia foram os próprios ex-escravos de origem africana.

Para os precursores britânicos da tese abolicionista, o fim do tráfico e a estabilidade da costa ocidental africana não eram simples construções da imaginação humanística, uma

inspiração autruísta ou uma declaração de boas intenções. Desde o início do século XIX, os britânicos conheciam a reação hostil da população de Lagos, ponto econômico e político fundamental na costa ocidental africana, aos primeiros repatriados muçulmanos expulsos do Brasil. Também se tornaram amplamente conhecidas suas tendências para a organização política e cultural segundo os padrões sociais brasileiros. Faltava-lhes, ainda, certo interesse pelas sociedades locais.

Cubanos e Brasileiros na África: Uma Experiência de Contato Cultural no Atlântico

Estava claro, por outro lado, que tanto os cubanos como os brasileiros em Lagos eram homens “disciplinados” e formados na “exigente escola” da escravidão. Conheciam os ofícios, professavam sua religiosidade católica, o que permitiu, com o tempo, que se constituíssem em uma elite local com hábitos, comportamentos e línguas diferentes das faladas pelas elites tradicionais de Lagos e de outros pontos da costa ocidental da África.

Foi exatamente por estas características peculiares das sociedades dos retornados à África que os britânicos imaginaram que eles, os emancipados afro-americanos que voltavam às terras natais, poderiam substituí-los nas colônias. Muitas vezes impossibilitados de permanecer na África por causa das febres, os britânicos entenderam que os retornados poderiam se associar ao esforço de penetração no continente. Em troca da proteção britânica, os retornados trabalhariam na produção de algodão, do azeite de dendê, além de poderem participar do esforço de cristianização do continente. Em outras palavras, atuariam como uma vanguarda do império britânico na África.

Essa primeira condicionante permitiu que se estabelecessem, a partir de 1851, duas correntes migratórias de regresso à África. Eram cubanos e brasileiros. Obviamente houve, antes de 1851, o estabelecimento de núcleos brasileiros, de brancos e mestiços, assentados no antigo Reino do Daomé e em Lagos. Mas eram grupos vinculados ao comércio de escravos ainda no esquema mercantilista e em claro declínio ao longo do século XIX. Estes últimos foram, na verdade, expulsos pelos britânicos a partir da ocupação e posterior cessão da cidade de Lagos à Coroa britânica. As fontes britânicas da época deixaram pistas importantes sobre esse processo.

A segunda condicionante que facilitou o retorno de africanos ou afro-americanos à África foi a vontade política dos governos. O Brasil e a Espanha permitiram e facilitaram a emigração, como válvula de escape para as pressões políticas e sociais geradas pelas manifestações de rebeldia dos escravos e seus aliados potenciais, como os emancipados e alforriados. A tradição de alforria, forte tanto em Cuba quanto no Brasil, facilitou o empreendimento.

Em Cuba, o problema da autorização da emigração de negros e multatos só se resolveu entre 1840 e 1842. Até aquele momento, os espanhóis pensavam que tais emancipados poderiam ser recrutados na Jamaica ou em outra possessão britânica próxima com o objetivo de desestabilização de Cuba. Lembremos que Cuba era a principal concorrente produtora açucareira do Caribe britânico.

Em 1844, depois da conspiração da Escalera, fomentada por colonos e produtores de açúcar britânicos na Jamaica e delatada às autoridades espanholas pelos britânicos, o governo colonial espanhol chegou à conclusão que deveria permitir a saída de Cuba dos negros e mulatos livres que desejassem partir e tivessem os meios para fazê-lo. O argumento do governo

colonial era que negros e mulatos livres se constituíam em estamento social instável, rebelde e perigoso, precisamente pelo alto nível cultural, independência econômica e capacidade de organização. Ao contrário, o negro escravo era considerado “poco temible” e com “escasas pretensiones”. Estes estariam condenados a continuar sujeitos às condições impostas pela escravidão³.

A vontade de regresso dos ex-escravos africanos, como forma de rebeldia e recusa à agonia da escravidão, associada às condições propícias na Inglaterra, no Brasil e em Cuba para o processo emigratório da América na direção da África, explica o vigor do movimento de retorno. Eram indivíduos que provinham principalmente dos centros urbanos latino-americanos e caribenhos. Muitos eram “criollos”, possuíam ofícios e eram capazes de pagar as viagens de regresso. A maioria se dizia católica e tinha conhecimento dos ritos religiosos. Saíam principalmente de Havana e de Salvador e dirigiram-se em particular à cidade de Lagos, na atual Nigéria. Muitos brasileiros viajaram a portos do antigo Daomé, enquanto alguns cubanos fizeram o mesmo a Fernando Poo e Annabon, na atual Guiné Equatorial.

Como grupo, os retornados estabeleceram relações relativamente harmoniosas entre si. Constituíram-se em uma elite social e eventualmente política. Produziram profunda contribuição cultural à nacionalidade na Nigéria, Daomé, Guiné Equatorial e Serra Leoa, além de outros países da própria costa ocidental africana.

A rota geral de regresso dos repatriados cubanos foi mais complicada, mas menos perigosa que a dos que provinham do Brasil. Os últimos viajavam, geralmente em veleiros, em travessia direta da Bahia a Lagos e ao Daomé. Esse é exatamente o motivo pelo qual há poucas referências na documentação brasileira ao fenômeno dos repatriados. No caso cubano,

ao contrário, a informação é mais acessível. Na década de quarenta, quando ainda os ingleses não haviam consolidado seu poder na costa ocidental africana, os cubanos regressavam a Lagos através da rota Havana-Kingston-Serra Leoa-Lagos e depois pela via Havana-Kingston-Londres ou Southampton-Lagos.

Um dos aspectos mais interessantes nas rotas dos repatriados cubanos era sua segurança. Encontravam-se protegidos pelo controle britânico, o que permitiu que alguns desses cubanos pudessem ser entrevistados por jornalistas ingleses na revista *The Anti Slavery Report*, que mantinha um grande número de colaboradores nas principais cidades envolvidas no tráfico e nos centros portuários ingleses⁴.

Outras rotas, inclusive indiretas, contratadas a armadores inescrupulosos, poderiam ser perigosas, tanto para os repatriados cubanos quanto brasileiros. Pierre Verger se refere à comovente história de cerca de quarenta passageiros do navio português General Rego, que, em 1856, zarpou de Salvador⁵. Eles deveriam desembarcar em Lagos "com todos os seus bens", mas logo descobriram a rota da tragédia. Foram obrigados a desembarcar em Ajudá, no Daomé, onde os adultos foram todos executados e as crianças convertidas em escravas.

Em Havana, em 1844, ano da conspiração abolicionista La Escalera⁶, um grupo de noventa e nove libertos, a maioria ioruba, arrendou o barco San Antonio para viajar a Lagos. Mas o comandante da nave, Capitão Gazá, era um dos traficantes do poderoso Dom Pedro Blanco, o "mongo de Gallinas", que mantinha guarita no Rio das Galinhas, na então colônia britânica da Serra Leoa. A população de libertos em regresso à África foi salva por um cruzeiro da marinha britânica que liberou, pela segunda vez, os cubanos. Esse é só um episódio em uma cadeia

de casos que mereceria ser investigada pelos historiadores interessados no intercâmbio humano através do Atlântico.

Que deixaram essas comunidades afro-americanas na costa ocidental da África? Já me referi ao processo de aculturação que transformara aqueles que estavam em regresso à África. Mas ele foi menos intenso nas áreas urbanas, tanto em Cuba quanto no Brasil, o que permitiu a sobrevivência de características culturais africanas bastante fortes em ambos os países.

Por outro lado, a prolongada convivência dos africanos na América com a cultura ibérica permitiu um processo de assimilação bastante significativo. Os grupos assimilados passaram a ler e escrever nas línguas da colonização, conheceram os instrumentos dos mais variados ofícios, e, com a alforria, empreenderam negócios. Seu impacto na cultura brasileira e cubana não pode ser subestimado.

As principais orquestras profissionais cubanas no século XIX eram dirigidas por negros ou mulatos, que haviam aprendido a tocar instrumentos europeus nas bandas dos batalhões de pardos e morenos⁷. Organizados em orquestras profissionais, os negros se envolviam gradativamente com vários instrumentos de percussão de inspiração africana, o que levou críticos hispânicos da segunda metade do século XIX a denunciar a africanização da música cubana. Gêneros como a contra-dança cubana, a *habanera* e o *danzón* são o fruto de uma fusão musical de linhas melódicas hispânicas com instrumentos de percussão e estruturas rítmicas africanas.

Assim, a música cubana e também possivelmente a brasileira, cruzaram o Atlântico, já mestiças, para deleitar a população de Lagos em suas danças, cantos e noites de baile organizadas pelas autoridades coloniais britânicas no Glover Hall e no Carvallho Hall, em festas tradicionais, ou até em

serenatas cantadas durante os velórios. Ainda hoje, celebra-se em Lagos e Ibadan, também na Nigéria, o chamado *Carnaval de La Habana*, cujas origens não nos foi possível ainda determinar precisamente.

Ao mesmo tempo, a religião católica mantida pelos libertos de Cuba e do Brasil, em Lagos, era um imperativo social. Ela servia para identificar a elite formada por cubanos e brasileiros na segunda metade do século XIX. Isso se evidencia, hoje, pela ortodoxia católica da terceira, quarta e quinta gerações de algumas famílias cubanas na capital nigeriana. Demonstração também interessante pode ser obtida através da persistência de ritos sincréticos claramente brasileiros como os burrinhos⁸, que evocam o bumba meu boi, e a adoração do Senhor do Bonfim, em Lagos, e ainda mais no atual Benin, antigo Daomé.

Por Uma Comunidade Atlântica Latino-africana

As pressões coloniais britânicas, empenhadas em firmar o protestantismo aos repatriados de Cuba e do Brasil, paralelamente ao esforço destes em preservar sua identidade adquirida, mostram também a resistência cultural de tais regressados. Hábitos religiosos, rudimentos e fragmentos das línguas aprendidas em Cuba e no Brasil, e até os hábitos alimentares e de se vestir são até hoje mantidos como um símbolo de status social.

É possível admirar-se a arquitetura, um dos elementos mais visíveis da influência em Lagos das nacionalidades cubana e brasileira em formação no outro lado do Atlântico. Posso afirmar, sem exagero, que a profissão de construtor foi uma das mais difundidas entre cubanos e brasileiros repatriados.

Conheci em Lagos os descendentes de Hilário Campos, de origem cubana, que fizera fortuna através da construção de casas e edifícios parecidos aos que havia conhecido em Cuba⁹.

Sua família vivia, ainda em 1986, em uma casa de sólida construção batizada com o nome de *Cuban Lodge* (Hospedaria Cubana), destinada a hospedar viajantes cubanos que eram esperados em Lagos nos fins do século XIX e início do atual. Tais viajantes nunca chegaram em número suficiente para justificar aquele imenso edifício.

O *Brazilian Quarter* (Bairro Brasileiro) de Lagos pode mostrar, apesar da decadência causada pela deterioração da área central da cidade, edifícios inspirados nos estilos arquitetônicos do Brasil. Eles podem ser reconhecidos imediatamente por qualquer viajante brasileiro atual.

O mais interessante da questão arquitetônica vinha da acumulação de conhecimentos sofisticados transportados da América Latina para a África Ocidental. É preciso sublinhar que não se tratava de um conhecimento superficial. As linhas arrojadas, a qualidade da construção mostram a intimidade com os materiais. Os primeiros telhados de Lagos, bem como a produção de tijolos e telhas, foram implantados pelo latino-africanos¹⁰.

Ruas, estradas, hospitais e igrejas erigidas naquelas partes da África foram concebidas e realizadas por cubanos e brasileiros. Elas demonstram algo além do tema unilateral do tráfico e da escravidão. Simbolizam o alto nível cultural de tais migrações, ao mesmo tempo em que derrocaram velhos preconceitos sobre as contribuições que a América forneceu à África.

Por outro lado, a relativa afluência dos repatriados cubanos e brasileiros levou a que eles se organizassem na defesa de seus interesses¹¹, de uma forma bem diferente dos membros da elite tradicional, vinculada historicamente ao tráfico. A excessiva imposição das regras coloniais britânicas na região, o descuido com as obras de infra-estrutura, ou a concessão insuficiente de terras da Coroa para a colonização, etc, eram razões

que moviam a comunidade latino-africana de Lagos. O protesto, a contratação de advogados e inclusive a criação de jornais expressavam a capacidade organizativa da comunidade.

As famílias mais remediadas realizaram também incursões na política local, na qual alcançaram relativa proeminência. Na política nigeriana, brilharam figuras originadas da Antilhas Britânicas como H. Macaulay¹², que hoje é parte da história da integração nacional nigeriana.

Não resta a menor dúvida que estes grupos de repatriados estavam melhor preparados para assimilar as idéias nacionalistas e a da representatividade dos governos que os membros das elites tradicionais. A gradual politização da comunidade latino-africana foi reforçada com o envio da sua primeira geração pra estudar na América ou na Europa, em particular na Inglaterra. No último caso, familiarizaram-se com a política britânica em todas suas matizes e variantes, cujas fórmulas tratavam de adequar à colônia nigeriana. Foi exatamente esse o momento do desenvolvimento de uma idéia de consciência nacional, para cuja formação contribuíram os avós e pais das pessoas que conheci e entrevistei em Lagos.

Foram essas substanciais contribuições que levaram Ajayi a concluir, quando se referia às contribuições dos grupos repatriados da América Latina para a África, que "sua importância na História da Nigéria ainda está fora da sua devida proporção¹³". Esse é um tema ainda embrionário para a historiografia nigeriana.

Conclusão

Seria talvez conveniente acrescentar a esta conferência, à guisa de conclusão, minha experiência com uma das famílias de origem cubana que conheci em Lagos.

Andrés Muñiz, nascido em Matanzas, em 1894, foi levado a Lagos pela sua família, em 1895, quando já haviam começado as operações da guerra de independência em Cuba. Mas, em 1919, depois de realizar seus estudos na Inglaterra, Andrés voltou a Cuba. Na sua região natal, Matanzas, casou-se com Estebalina Hernández, que lhe deu quatro filhos — Juana, Yolanda, Orlando e Laudelino.

Seu neto, Guillermo Lemos Muñiz, viajou como construtor civil a Luanda, como também o fez Vicente Gonzalez Ramires, esposo de Yolanda, ambos com a esperança de conhecer sua família na Nigéria. Certo dia, o sobrinho de Andrés Muñiz, Filiberto, com 69 anos e prostrado por uma doença terminal, escreveu de Lagos a sua família cubana que ainda não conhecia pessoalmente, para solicitar que seu filho pudesse estudar em Cuba.

É dessa essência familiar e humana que estão feitas as relações históricas em nossa comunidade latino-africana. Conseqüente com sua história, Cuba ampliou e cumpre sua dívida histórica com a África. Milhares de jovens cubanos de ambos os sexos e todas as raças têm realizado seus trabalhos internacionalistas, em contato direto com os povos do continente irmão na luta comum contra o subdesenvolvimento. São até o momento dez mil os graduados universitários africanos. Em Angola, nas Guiné, no Benin, Etiópia, Tanzânia, Serra Leoa, Nigéria, Namíbia, Moçambique e África do Sul, carregam a língua e a cultura cubana e latino-americana. Entre 1977 e 1991, 38.261 estudantes estrangeiros estiveram matriculados nas universidades cubanas. Desses, 21.338 procediam de Cuba.

Criaram-se, assim, verdadeiros centros de irradiação de cultura cubana por quase toda África Negra. O professor Luis Beltrán, vice-reitor da universidade espanhola de Alcalá de Henares, gosta de chamar a atenção para a realização cubana

na difusão da cultura hispânica na África. Há novas histórias, em três décadas, de altruísmo, sacrifício e solidariedade de Cuba ao continente africano.

Creio que o exposto nesta conferência serve para lembrar que países como o Brasil e Cuba talvez sejam os únicos na América, por suas ricas tradições transculturais com a África, a poderem resgatar a responsabilidade histórica da América Latina para com aquele continente. Isso significa dizer que a iniciativa da construção de novos nexos, dando continuidade às tradições aqui abordadas, e envidando esforços na direção de uma verdadeira Comunidade Atlântica Latino-Africana, é uma tarefa urgente.

Notas

Conferência para o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília em 5 de maio de 1993. Tradução: José Flávio Sombra Saraiva.

1. Ver Joy Ogwu, *Nigerian Foreign Policy, Alternative Futures* (Lagos: Nigerian Institute of Foreign Affairs, 1986). Ver também Olajide Aluko, *Essays in Nigerian Foreign Policy* (London: Allen and Unwin, 1981). Em outubro de 1977, o tenente coronel Obasanjo disse, em conferência na Howard University, nos Estados Unidos, que: "O valor potencial das relações mútuas dos negros de todo o mundo não deveriam ser desencorajadas. Estas comunidades negras podem ser vistas como bases potenciais para o alargamento de poder político capaz de influenciar vários governos em suas políticas direcionadas à Nigéria".
2. Ver Manuel Moreno Fraginals, *África en América Latina* (México: Siglo XXI, 1977).
3. Rodolfo Sarracino, *Los que volvieron a Africa* (La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988); *Idem*, "Cuba y Brasil: los que volvieron a Africa", *Revista Casa de las Américas*, 174 (1989): p. 45; *Idem*, "Cuba e Brasil: os que voltaram a África", *Estudos Afro-Asiáticos* (junho, 1991). Ver também Pierre Verger, *Flux et reflux de la traite des Nègres entre le Golfe de Bénin et Bahia de todos os Santos...* (Paris: Mouton, 1968).
4. Rodolfo Sarracino, *Los que...*, *op. cit.*, pp. 200-216.

5. Pierre Verger, "América Latina en Africa" in Manuel M. Fraginals, *op. cit.*, p. 367.
6. Rodolfo Sarracino, "Inglaterra y las rebeliones abolicionistas cubanas, 1841-1851", *Revista de la Biblioteca Nacional José Martí* (maio-agosto, 1986).
7. José Jorge de Carvalho, "La música de origen africano en Brasil", in Manuel M. Fraginals, *op. cit.*, p. 279. Para a música cubana ver Zoila Lapique Becali, *Música Colonial Cubana*, tomo I: 1812-1902 (La Habana: Letras Cubanas, 1979).
8. Pierre Verger, "América Latina en Africa", *op. cit.*
9. Rodolfo Sarracino, *Los que...*, *op. cit.*
10. J. F. Ade Ajayi, "The emergence of a new elite in Africa" in *Africa in the nineteenth and twentieth centuries* (Ibadan: University of Ibadan, 1972), p. 149.
11. *Idem, ibidem.*
12. Macaulay é uma figura de profundidade histórica para o Caribe. Faz-se cada vez mais necessário o resgate das fontes e bibliografia para um urgente estudo da sua relevância para o Caribe e para o proto-nacionalismo africano.
13. J. F. Ade Ajayi, "Christian Missions in Nigeria, 1841-1891" in *The making of a new elite* (London, s/e, 1965), p. 40.